



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante abertura do 3º Congresso Mundial de Engenheiros: Inovação com Responsabilidade Social

Centro de Convenções – Brasília-DF, 03 de dezembro de 2008

Meu caro governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda,
Senhores embaixadores e membros do corpo diplomático aqui presentes,

Senador Garibaldi Alves, presidente do Senado,
Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,
Ministros Paulo Bernardo, do Planejamento e Alfredo Nascimento, dos Transportes,

Senador Crivela,
Deputados federais,
Engenheiro Barry Gear, presidente da Federação Mundial das Organizações de Engenharia,

Meu caro amigo Paulo Simão, presidente da Câmara Brasileira,
Senador Kamel Ayadi, da Federação Mundial das Organizações de Engenharia,

Engenheiro Marcos Túlio de Melo, presidente do Confea,
Engenheiro Carlos Roberto dos Santos Moura, presidente da Febrae,
Senhor Vincent Defourny, representante da Unesco no Brasil,
Engenheiros,
Engenheiras,
Companheiros e companheiras participantes da abertura deste 3º Congresso Mundial realizado aqui no nosso país,

É uma grande honra para mim recebê-los todos – engenheiros e



engenheiras de vários países do mundo – aqui em Brasília, e esta honra ganha ainda mais valor em um momento como esse que estamos vivendo agora.

A crise financeira internacional obriga todos nós a repensar, de forma profunda, como a riqueza vinha sendo produzida e distribuída nos últimos anos, e ao fazer isso, reafirma a importância da economia real, do setor produtivo e do trabalho. Nesse sentido, a Engenharia ocupa um papel fundamental. Estou falando de uma atividade voltada, acima de tudo, para a produção, a construção e a inovação, e com uma imensa capacidade de inovar e de criar, mesmo sobre escombros de modelos já ultrapassados, uma nova realidade.

Hoje, mais do que nunca, sabemos que será vitoriosa a nação que melhor aproveitar a infinita capacidade humana de reinvenção da vida e de superação de cada problema que se apresenta.

Portanto, não poderia ser mais oportuna a realização deste 3º Congresso Mundial de Engenheiros no Brasil e, em particular, nesta cidade de Brasília, exemplo tão evidente da capacidade de criação e da dedicação de arquitetos e engenheiros brasileiros.

Meus amigos e minhas amigas,

Como muitos de vocês devem saber, o Brasil vive hoje um momento peculiar. Retomamos o desenvolvimento econômico, e o fizemos distribuindo a riqueza e reduzindo a desigualdade social e a regional. Voltamos a construir e a expandir nossa produção. Isso nos levou a um dilema sadio: hoje, há mais demanda por engenheiros do que temos conseguido formar.

O problema tem raízes políticas e econômicas que remontam a pelo menos duas décadas. O fato é que nos anos 80 e 90 do século passado, a estagnação econômica do País causou uma queda brutal na demanda por engenheiros, mesmo por aqueles graduados em nossas melhores universidades. Nos anos 80, menos da metade dos graduados em Engenharia na Universidade de São Paulo encontrava trabalho, e muitos dos que



conseguiram emprego, se concentravam no setor financeiro.

Hoje a realidade é outra. O PAC-Programa de Aceleração do Crescimento, que está investindo, até 2010, R\$ 504 bilhões em infra-estrutura energética, logística, social e urbana, transformou o País em um verdadeiro canteiro de obras e provocou enorme aumento da demanda por engenheiros.

Isso ocorre no mesmo momento em que nossa indústria voltou a crescer e a ampliar seu parque produtivo, e no qual a demanda em setores como Telecomunicações e Biotecnologia estimula fortemente a formação de engenheiros em áreas de alta densidade tecnológica.

Precisamos de muito mais engenheiros no Brasil. Precisamos de profissionais cada vez melhores, com nível e variedade de formação equiparáveis aos dos países mais desenvolvidos, com os quais o Brasil agora vem competindo no cenário global. É claro que um salto dessa envergadura não pode ser dado da noite para o dia. Mas peço licença a todos vocês para citar alguns exemplos do que estamos fazendo com o objetivo de elevar a nossa Engenharia a um novo patamar.

As ações têm início ainda nos primeiros anos de escola, com o estímulo à formação básica. Ampliamos fortemente nossos investimentos nesse nível de ensino, criamos um piso nacional para os professores e até 2010 faremos conexão à internet em banda larga de todas as escolas públicas urbanas brasileiras.

No que se refere especificamente ao ensino de Matemática e Ciências, o interesse dos estudantes pode ser visto na Olimpíada de Matemática, uma competição voltada para a rede pública de ensino que contou com mais de 18 milhões de participantes apenas este ano.

Aí é importante dizer para vocês o que é a crença e a vontade de um povo, quando lhe é dada oportunidade. Em 2004, nós tínhamos apenas 274 mil jovens participando da Olimpíada de Matemática, todos de escolas privadas, e o Instituto Nacional de Matemática Aplicada, ao me trazer cinco premiados num



concurso internacional, me provocou a fazer a Olimpíada de Matemática na escola pública.

Quando nós tomamos a decisão de fazer... Vocês, tanto quanto eu, conhecem bem essa história. No Brasil tem muita gente que gosta de não acreditar em si mesmo, de não acreditar no País, me disseram: “Isso não vai dar certo na escola pública”. Na época, a Argentina tinha 1 milhão e 200 mil jovens participando da Olimpíada de Matemática, os Estados Unidos tinham 6 milhões e o Brasil tinha 274 mil jovens.

Fizemos a primeira Olimpíada de Matemática, e participaram 10 milhões de jovens. Fizemos a segunda. O Tribunal Eleitoral não permitiu que a gente fizesse nenhum panfleto convocando os alunos a participarem, porque achava que era campanha eleitoral, em 2006, e se inscreveram 14 milhões e meio de pessoas. Fizemos a terceira, e participaram 17 milhões de crianças. Fizemos a quarta este ano, e se inscreveram 18 milhões e 300 mil crianças de escola pública para participar da Olimpíada de Matemática.

Agora começamos a fazer – o engenheiro, além de ser bom de Matemática, tem que ser bom de Português – Olimpíada de Português. Esta foi a primeira Olimpíada, e se inscreveram 6 milhões de crianças para participar da Olimpíada de Português.

Para o próximo ano, eu quero instituir Olimpíada de Ciências, Olimpíada de Física, e haverá um dia em que nós teremos Olimpíada de todas as matérias, para motivar o nosso jovem a participar e, quem sabe, se motivar a estudar cada vez mais.

A segunda medida é a valorização de escolas técnicas, uma iniciativa recente no Brasil e à qual dedicamos especial atenção. Além de aumentarmos substancialmente o número de instituições de ensino e nossos investimentos na área, estamos agora reorganizando a rede. Para tanto, enviamos ao Congresso Nacional o projeto de lei que cria 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Esses institutos serão criados a partir de



escolas já existentes, e estarão presentes em todo o Brasil oferecendo licenciaturas, cursos superiores de Tecnologia e bacharelado em Engenharia, além do ensino médio integrado ao profissional.

A terceira medida é o aumento dos investimentos no ensino superior. Dobramos, de 2003 para cá, o número de novas vagas anuais ofertadas nas universidades federais, instituições que prestam um ensino gratuito e de qualidade reconhecida. Temos 61 novos campi universitários em funcionamento e mais 34 em preparação. Criamos 12 novas universidades federais e teremos outras quatro até 2010.

Essa expansão se reflete, é claro, na formação de engenheiros. Em 2006, as universidades federais ofereciam 17 mil vagas nos diferentes cursos de Engenharia. No ano letivo que se iniciará em breve, as vagas já serão mais de 28 mil, e trabalhamos com a estimativa de que, em 2012, elas superarão as 35 mil vagas para Engenharia, ou seja, estamos mais do que dobrando a oferta de vagas em apenas seis anos. Além disso, a Petrobras, via Prominp, estima capacitar 27 mil e 500 profissionais, dos quais 6 mil na área de Engenharia.

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos também empenhados em elevar o padrão de produtividade e competitividade do sistema produtivo nacional. Queremos quebrar o modelo de estratégia competitiva baseado em baixos custos de mão-de-obra e na mera produção de *commodities*, e buscamos dinâmicas produtivas e de serviços permanentemente voltadas para a inovação.

O Plano de Ação “Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional”, coordenado pelo Ministério da Ciência e da Tecnologia, é uma das ações nesse sentido, e tem como uma de suas principais vertentes o estímulo aos processos de inovação nas empresas.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico receberá, no próximo ano, investimentos de R\$ 3 bilhões e 100 milhões. Isso representa aumento de 52% em relação aos recursos liberados neste ano.



Estão em julgamento, nos institutos nacionais de ciência e tecnologia, 260 propostas para formação de redes de pesquisa, que representarão investimentos de R\$ 475 milhões.

Também lançamos, em 12 de maio último, a Política de Desenvolvimento Produtivo que contempla, inicialmente, 24 setores de nossa economia, com ênfase para a inovação. Por meio dela, estabelecemos metas para aumentar a taxa de investimento da economia, ampliar investimentos privados em pesquisa e desenvolvimento, elevar a participação brasileira no comércio global e o número de micro e pequenas empresas exportadoras. São ações que, acredito, atendem às expectativas de todos os que vêem na produção e no trabalho o caminho mais seguro para o crescimento econômico e a elevação dos padrões nacionais de qualidade de vida.

Meus amigos e minhas amigas,

A recente experiência brasileira torna muito clara a importância de engenheiros e engenheiras em momentos de retomada do desenvolvimento. Falo de profissionais que precisam ter a inovação em seu DNA profissional, que devem estar cada vez mais habilitados para assegurar competitividade global e para enfrentar desafios do século XXI, que vão desde questões ambientais a econômicas.

Está claro que os debates que ocorrerão aqui vão exatamente nesse sentido, e têm muito a contribuir para a mobilização dos profissionais de engenharia de todo o mundo em torno dessas causas.

Quero, portanto, parabenizar o Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, a Federação Brasileira de Associações de Engenheiros e a Federação Mundial de Organizações de Engenharia por escolherem o Brasil como sede para este evento tão especial e que tanto nos orgulha, e os parabenizo mais ainda por privilegiarem a América do Sul ao escolherem a Argentina como sede do próximo encontro, em 2010.

Nosso subcontinente vive em pleno processo de integração, e estou



certo de que vocês, engenheiros e engenheiras, serão importantes artífices dessa construção, que se concretiza a cada quilômetro de estrada, a cada quilômetro de linha de transmissão, a cada nova usina, a cada intercâmbio de informações e tecnologias.

Meus amigos e minhas amigas,

Duas palavras a mais, para permitir que o Arlindo e o Garibaldi alcemem, e o Paulo Bernardo cumpra o seu papel de Ministério do Planejamento, fazendo o discurso que eu estou fazendo aqui agora.

Vocês certamente estão acompanhando o noticiário diário do País e do mundo, e vocês estão percebendo que o mundo atravessa uma crise sem precedentes na história, possivelmente maior do que a de 1929. Só que desta vez é uma crise que nasceu no centro, no coração do sistema capitalista, nos Estados Unidos, e atingiu, em segundo lugar, países importantes da Europa, como Alemanha, França, Reino Unido, Itália e tantos outros.

Mas essa crise, embora tenha nascido lá, embora tenha sido uma crise da falta de controle que os governantes que foram eleitos com a responsabilidade de cuidar do povo deixaram de ter com o sistema financeiro... o sistema financeiro passou a cuidar muito mais da especulação do que de trabalhar junto com o setor produtivo.

No Brasil nós temos um sistema financeiro que só permite a alavancagem de 6 vezes e meia o patrimônio líquido de um banco, ou seja, um banco pequeno de investimentos, no Brasil, só pode emprestar até 6 vezes e meia o patrimônio líquido que ele tem. Nos Estados Unidos chegou a 35%, ou seja, as pessoas estavam emprestando o que não podiam emprestar, financiando o que não podiam financiar, e financiamentos que não geravam sequer uma folha de papel como produto produzido por esse investimento.

Nós tivemos uma reunião no G-20, vinte países participaram, os mais importantes, os países ricos, os países emergentes, e nós tomamos a decisão de que é preciso os Estados voltarem a regular o sistema financeiro mundial.



Os bancos não podem fazer o que fizeram nas últimas três décadas, em que se criou uma doutrina de que era preciso negar o papel do Estado, o Estado não podia nada, era o mercado que tinha que regular tudo. Quando chegamos a uma crise como essa, o mercado tremeu na base e quem teve que salvar foi o Estado, que durante três décadas foi atingido com críticas profundas por uma visão mercadológica e uma visão neoliberal do papel do Estado e do papel da economia.

Mas não há males que não permitam que a gente pense para a frente. Eu tenho dito que aqui no Brasil nós precisamos fazer dessa crise uma oportunidade para o País. Como é que essa crise atinge o Brasil? Nós temos um mercado interno potencial que poucos países do mundo têm, com exceção da China e da Índia, pela população que têm. Nós temos um mercado interno extraordinário, até porque durante décadas o povo brasileiro não teve acesso às coisas que eram consideradas essenciais e ele, portanto, tem um poder de ainda adquirir esses bens.

Como é que essa crise pode nos atingir? Ela pode nos atingir na medida em que o crédito está rareando no mundo, em que não existe uma irrigação para que a gente possa dinamizar a economia, essa crise pode chegar, porque muitas empresas brasileiras captavam em dólar e, portanto, não estão captando mais porque não tem dólar no mercado.

Nós temos um PIB mundial de US\$ 65 trilhões e uma especulação de US\$ 650 trilhões. Esse dinheiro desapareceu, e certamente não está todo nas Ilhas Cayman, porque senão a ilha já teria afundado. Elas não comportam US\$ 650 trilhões.

A verdade é que o sistema financeiro está com medo de emprestar dinheiro. Aqui no Brasil nós tomamos todas as medidas que entendíamos serem corretas, com a contribuição enorme do Congresso Nacional, porque nós, primeiro, pensamos: “nós não vamos parar”. E quero dizer aqui, para vocês: não iremos parar nenhuma obra do PAC. Nenhuma obra do PAC vai



parar.

Ontem, participei do Fórum de Governadores do Nordeste, com a participação do Governador de Minas Gerais, do Governador do Espírito Santo, e tomamos uma decisão: nenhum estado vai parar as obras que está fazendo. Pelo contrário, nós temos que procurar fazer mais obras, porque em momento de crise nós temos que fazer investimentos, sobretudo o Estado, para que as coisas possam continuar acontecendo neste país.

Mas nós temos um outro problema. E qual é o problema? Nós temos um pânico na sociedade. É normal, e o embaixador de qualquer país que está aqui sabe, ou o ministro, ou o engenheiro que está aqui. Se estivesse pensando em comprar um apartamento novo ou um carro novo – foi na Feira do Automóvel, viu um carro bonito e queria comprar um daqueles – ele tem dois pensamentos: “Eu não sei como é que vai ficar a crise, portanto, eu não vou comprar. Vou deixar para ver como é que essa crise melhora”. O outro pensamento é o seguinte: “Eu vou comprar, vou fazer uma dívida, vou ser mandado embora, então não posso comprar”.

Agora, o que ele não sabe é que pode ser mandado embora exatamente porque não comprou. Se ele não compra, o comércio não vende, o comércio não vende e a indústria não produz. Ele não compra, nós vamos produzir para quem?

Eu estou fazendo aqui propaganda de consumo, mas é que a economia tem uma dinâmica própria. Eu não quero pedir para ninguém que tenha dívida, (para) fazer mais dívida. Pelo amor de Deus, paguem as que já têm. Não quero. Mas eu quero pedir para que a gente torne à atividade econômica com uma certa normalidade. Por isso é que nós atendemos imediatamente a indústria automobilística, porque ela representa 24,5% do PIB industrial. Por isso é que nós colocamos logo dinheiro para movimentar o capital de giro das empresas de construção civil. Por isso é que nós colocamos dinheiro para a agricultura imediatamente. Por isso, nós colocamos dinheiro para capital de



giro da pequena e média empresa. Ainda assim, esse dinheiro não tem chegado à ponta com a presteza que nós queremos. Não no Brasil, em lugar nenhum do mundo o dinheiro disponibilizado tem chegado à ponta, porque gerou-se uma desconfiança.

Então, o que eu acho que nós temos que fazer? Primeiro, o Estado, agora, tem a oportunidade de mostrar que ele é o indutor, e para dizer para vocês do nosso pensamento afirmativo, nós vamos continuar. Não pensem que nós vamos parar com o investimento do pré-sal. Tudo aquilo que nós programamos fazer, nós vamos fazer. A Petrobras vai fazer investimento de US\$ 112 bilhões até 2010. Desses, 104 ela tem de caixa próprio.

Eu, de vez em quando, vejo crítica: “Mas a Petrobras tomou dinheiro emprestado na Caixa”. Sinceramente, qualquer um de nós vai tomar dinheiro onde tem. O que vocês não podem é pedir para mim. Vamos ser francos. Obviamente que eu acho, Paulo Bernardo, que a Petrobras é tão poderosa que ela, ir à Caixa pegar dinheiro, obviamente ela vai tirar o dinheiro de uma pequena empresa, de uma consultoria, de uma empresa pequena da construção civil, do comércio. É importante, então, que a gente estabeleça, com bancos estrangeiros, a possibilidade de financiar os grandes projetos de infra-estrutura para que uma empresa como a Petrobras ou a Vale do Rio Doce não dispute com pequenas empresas no sistema financeiro nacional. Tudo isso nós vamos cuidar, para ver se nós conseguimos fazer a roda da economia voltar a girar sem o medo e sem o pânico.

Eu fico vendo, lendo, ouvindo, escutando, eu fico imaginando uma pessoa que vai a um hospital visitar um parente que está com uma doença grave. Aí, senta na beira da cama e fala o seguinte: “Ih, ontem morreu uma vizinha minha com a mesma doença sua”. Ou o médico que recebe um paciente grave, olha para o paciente, examina e fala: “Meu, você já era. Pode tratar da alma”. Quando, na verdade, é exatamente por fazer o diagnóstico das coisas que nós temos que ter habilidade política para saber como é que nós



vamos encaminhar essas coisas.

Eu quero dizer para vocês, e termino com isso: nesses próximos dois anos nós vamos fazer tudo o que nos comprometemos a fazer. Não vai parar uma escola, não vai parar uma universidade, não vai parar uma extensão universitária, não vai parar nenhuma obra da Petrobras. Vamos ainda, se Deus quiser, fazer, até junho do ano que vem, a licitação do trem de rápida velocidade, ligando Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas, porque somente assim é que o Estado pode se transformar num indutor e num motivador da economia neste país e em outro país.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, as habitações que nós estamos fazendo no Brasil, vamos fazer muito mais. A Caixa Econômica tem a determinação de não parar de construir um telhado, nada, nós vamos continuar fazendo, porque é essa a contribuição que nós queremos dar para o Brasil.

Afinal de contas, acabou aquele tempo em que numa crise qualquer a primeira coisa que o Estado fazia era se encolher. Então, o Estado não fazia nada, aparece aquele dizendo: “Tem que cortar gasto, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo”, e a economia atrofiada. Nós somos a geração que viveu 20 anos assim. Vinte anos em que não se podia fazer nada neste país porque era preciso fazer o ajuste fiscal.

Hoje, Arlindo Chinaglia, o governo brasileiro tem orgulho de dizer aqui que poucos países do mundo tem uma dívida pública tão baixa quanto o Brasil, se comparado ao PIB: apenas 36% representa a nossa dívida pública. Portanto, nós temos margem de manobra para não permitir que este país pare de crescer. E formar mais engenheiros, mais engenheiras, cada vez melhor remunerados, porque formar mais não significa reduzir o custo do salário dos engenheiros brasileiros.

Muito obrigado, gente. Boa sorte. E que Deus abençoe este Congresso.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
